

# O SUJEITO PSICOLÓGICO E AS INTERFACES COM AS DIMENSÕES PSÍQUICAS: UM BREVE DIÁLOGO SOBRE A AFETIVIDADE

Este artigo é uma adaptação, com alguns acréscimos teóricos, de um material já publicado no Brasil, no periódico Claretiano – Revista do Centro Universitário, Batatais/São Paulo/Brasil, nº. 6, 2006.

(2010)

**Fausto Eduardo Menon Pinto**

Psicólogo pela Universidade São Francisco/Itatiba, Mestre em Educação pela FE/Unicamp e Psicólogo da Prefeitura Municipal de Hortolândia/São Paulo (Brasil)

Email:

[faustomenon@bol.com.br](mailto:faustomenon@bol.com.br)

---

## RESUMO

Este ensaio teórico tem por objetivo debater o funcionamento psíquico do sujeito psicológico, mais precisamente com relação à dimensão afetiva. Em um primeiro momento, realiza-se uma pequena reflexão sobre esta temática com base em três vieses psicológicos tradicionais, que são: a Psicanálise, o Behaviorismo Radical e a Psicologia Cognitiva. Logo em seguida, inicia-se um breve debate acerca da suposta formação do sujeito psicológico, o que se daria, em uma visão inicial, a partir de uma série de dimensões psíquicas interligadas que se comunicam entre si de maneira complexa e dinâmica.

**Palavras-chave:** Psicologia, cognição, afetividade, sujeito psicológico

---

## INTRODUÇÃO

### Saudade...

“Sinal inequívoco da transitoriedade, da nossa existência terrena; **A** ela cabem os instantes de nostalgia que invadem noss’alma; **U**m filme de nossa vida que em tempo nenhum será revivido; **D**os amores vividos, dos sonhos sonhados, das vitórias (ou não) e fracassos, tudo será lembrado; **A** saudade é assim, chega sem sequer ser chamada, reprise, não condena nem liberta; **D**o que fomos ontem, nossos vazios o ardor da chama do amor; **E** mesmo assim,

apesar dos enganamentos e desenganamentos, das grandes alegrias e tristezas, a Saudade, que sempre chega um dia em nossas vidas, nos impele a uma viagem ao passado nos fazendo lembrar passagens que, em vão, tentamos esquecer. Em outras ocasiões nos faz recordar aqueles momentos de paz, de tranquilidade interior, enfim, de felicidade, que tudo daríamos, fosse isso possível, para revivê-los, e com certeza procuraríamos usufruir mais intensamente a vida ao lado dos nossos amados entes antes das perdas os afastarem do nosso convívio”

(MUIRAQUITÃ)

Como bem escreve o poeta Muiraquitã, ao falar tão esplendidamente de *saudade*, o universo afetivo sempre despertou, seja em qualquer momento da vida do ser humano, fascínio e tamanha curiosidade. Afinal, *por que e como sentimentos aquilo que sentimos?* Como discussão análoga, o presente ensaio procura abordar o funcionamento psíquico dos seres humanos dentro de um enfoque da Psicologia Básica. Sem procurar chegar a um término de todos os aspectos que englobam o tema afetividade, levantam-se aqui, de forma resumida, questões teóricas relativas à exposição de alguns pressupostos filosófico-psicológicos: Aristóteles, Psicanálise, Behaviorismo Radical e o Cognitivismo. Indicando, em seguida, críveis caminhos metodológicos futuros quanto à maneira de se idealizar um ser humano integral, composto de várias dimensões que se comunicam entre si complexa e dinamicamente.

## **1. A afetividade: algumas visões filosófico-psicológicas**

A escolha do tema afetividade está intimamente relacionada ao deslumbre que tem despertado nos pensadores e cientistas desde a Grécia Antiga até a Idade Moderna (CORNELIUS, 1996). De forma particular, entende-se que há tempos já se relatava a influência do universo subjetivo sobre a dinâmica da alma do ser humano, no que tange à afetividade, mais precisamente das paixões humanas, tais como a ambição, o amor e a cólera (LYONS, 1993; ALAIN, 2003).

Ademais, desde a época dos gregos, prevaleceu-se a imagem de que o coração é o símbolo dos sentimentos. Derivado do grego *kardia*, o coração é definido como um músculo que, em contração rítmica, circula o sangue por todo o corpo, além dele ganhar uma personalidade própria, abrigando as emoções, os sentimentos e os afetos, como exemplo, o amor (MERRIAM-WEBSTER, 2008).

Nos dias de hoje, parece haver uma miríade de explicações para o fenômeno emocional, concentrando todas elas em temáticas do conhecimento humano. Com certeza, as emoções, os sentimentos e os afetos podem ser definidos como um capítulo à parte do estudo da psique, ora pela importância devida do tema no âmbito da Psicologia Básica, em ensaios teóricos e estudos

empíricos clássicos e atuais, ora na compreensão acerca das peculiaridades do ser humano que os fazem *amar* e até mesmo *odiar*. Tais explicações são derivadas de concepções filosóficas, psicológicas e até mesmo no campo da biologia (D'URSO & TRENTIN, 2001; DENZIN, 2007), promovendo, então, uma série de ensaios interessantes que cogitam a necessidade de se entender a natureza subjetiva do ser humano.

No campo da filosofia, parece haver dois pontos de vista que indicam determinar o estudo das emoções. O primeiro alude ao papel da emoção como algo primitivo, menos inteligente e mais dependente da razão; enquanto que o outro, por sua vez, traz a razão e a emoção como dois aspectos distintos, porém conflitantes e antagonistas da alma, impondo às emoções uma distorção de julgamento ou confusão da percepção (SOLOMON, 2004). Fato esse último que pertence claramente à filosofia aristotélica.

Sem exposições muito especializadas quanto à descrição filosófica, pois não é a intenção do ensaio, Aristóteles (384-322 a. C.) argumenta que as emoções, tais como a ira e amabilidade, podem afetar a qualidade dos juízos uma vez descontroladas. Nota-se que, em nenhum momento, tal filósofo macula o papel dos sentimentos. Em sua célebre obra *Retórica das Paixões*, faz uma descrição talentosa e detalhada deles. Propala até que ofereçam subsídio ao orador no exercício da pregação ao público, com a habilidade de expor os argumentos, mas os impulsos dos sentimentos se tornados ilógicos e irracionais (as paixões da alma) devem ser afastados do espírito para não solaparem o galgar do conhecimento filosófico (ARISTÓTELES, 2000). Como ressalta, em seus preciosos escritos, “as paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem variar seus julgamentos (idem, p. 05).

Sobre tal aspecto, Fortenbaugh (2002) acentua que na visão filosófica aristotélica a mudança de julgamento é consequência direta da emoção, isto é, daquilo que se sente. Por isso é que se diz que Aristóteles trata as emoções como termos cognitivizados. Explicando um pouco mais, Lyons (1993, p. 47-48) a propósito da incursão de Aristóteles no plano dos sentimentos, apregoa que isso

[...]se inscribe dentro del cognitivismo no por el mero hecho de suponer que las emociones afectan nuestros juicios, sino porque entendía que los juicios o cogniciones eran parte esencial de la emoción.

Nessa explicação anterior, uma leitura possível é que se parece focar mais com os efeitos *maléficos dos sentimentos para o julgamento correto*, do que simplesmente ver o que eles, os sentimentos, podem *significar benéficamente na composição do raciocínio humano*. Desse modo, para se chegar a um julgamento judicioso, deveria *o pensamento lógico se distanciar das emoções*? Diante desse contexto, fica, pois, a segunda interrogação: será que *sempre os sentimentos serão ruins e destrutivos*? Um parêntese: os sentimentos negativos, como a ira, a

cólera e a raiva, podem dizer muito do funcionamento psicológico do ser humano; nomeadamente, da *sua maneira de ser, de pensar e de agir*. Assim considerando, pela *não aceitação* de todos os sentimentos, tende-se a dividir o ser humano em duas partes singulares e antagônicas: uma racional e a outra afetiva, ou seja, “uma parte que pensa e a outra que sente” (PINTO, 2009).

Prosseguindo a teorização, igualmente no que concerne à alma humana, um dos pioneiros a estudar a psique humana, em termos psicológicos, foi o médico vienense Sigmund Freud. Aplicando seus estudos clínicos, descobriu uma parte na mente: o inconsciente, região na qual ficam recalcadas as emoções, os sentimentos, os desejos e os conflitos do ser humano (AFGOUSTIDES, 1991; FILLOUX, 1954). A formação do inconsciente nasce com a construção de um modelo hipotético de aparelho mental, delineado brilhantemente por Freud em seu notável livro *A Interpretação dos Sonhos*, publicado originalmente em 1900.

Esse modelo hipotético conta com três regiões distintas. Em um primeiro plano deste aparelho há um órgão sensitivo, que está responsável pela captura de informações do ambiente externo. No meio existe a organização das informações coletadas, consistindo a percepção propriamente dita. No final, tem-se uma parte motora que seriam as respostas do organismo (FREUD, 1900).

Uma vez que os órgãos sensitivos recebam informações do ambiente externo, o psiquismo organiza (por princípios de similaridade e simultaneidade) tais percepções na condição de traços mnêmicos. Alguns traços ficam inconscientes. Aliás, segundo a psicanálise, a conduta do ser humano é mobilizada pelos traços inconscientes. Resumindo, a mente, segundo Freud, teria conteúdos provenientes do mundo externo, que uma vez chegados à psique formariam traços (do alemão, *spur*) mnêmicos responsáveis pela simbolização, ou melhor, pela compreensão do mundo exterior por meio de nomes, isto é, de significados (FREUD, 1900).

Freud pensou a psique humana como um sistema mental de características semelhantes a um sistema físico, no qual havia um movimento de partículas sob a forma de energia (neuronal), que, tardiamente, denominou de energia sexual, ou libidinal. Essa energia obedece ao princípio de prazer, ou seja, da satisfação de um desejo (FREUD, 1991). Por exemplo, no lactante, ao receber o leite materno, produz-se no seu aparelho psíquico uma *mensagem*, um traço mnêmico de um desejo satisfeito: *ser alimentado*.

Quem outorga o direcionamento dessa energia psíquica é a instância chamada *Ego* (*Ich*, em alemão). O inconsciente *pressiona* a qualquer custo a livre expressão do desejo recalcado. A consciência deve se aliar a mecanismos que impeçam a realização do desejo, os chamados mecanismos de defesa egóicos. O *Ego*, como instancia virtual, está contra os impulsos do inconsciente (da instância denominada de *Id*, que em alemão quer dizer “*das Es*”) que quer obter a gratificação a qualquer custo. O ego também tem como função primordial manter o equilíbrio entre o meio exterior (normas, valores...) e o interior (mundo dos desejos). É, portanto, o

mediador entre esses dois mundos: deve satisfazer as exigências do inconsciente (desejo) contra as da cultura (DILMAN, 1989; BETTELHEIM, 1998; NORDBY & HALL, 1978).

Falando ainda sobre a energia psíquica, pode-se perceber que o traço mnêmico não é só uma representação meramente simbólica, mas também toda uma carga afetiva agradável ou desagradável (a saber: sentimentos, emoções, estados afetivos...), atrelada psicodinamicamente em um nível inconsciente pela experiência do ser humano nos primeiros anos de vida às figuras parentais (CABRAL, 1998; MUSIC, 2002; GOLSE, 1998). No último tópico, relativo ao estado afetivo, Freud (1915/16, p. 180) reflete que

Ora, que é um estado afetivo do ponto de vista dinâmico? Alguma coisa muito complicada. Um estado afetivo compreende em primeiro lugar certas inervações ou descargas, e em seguida certas sensações. Estas são de duas espécies: percepção das ações motoras realizadas e sensações diretas de prazer e desprazer que imprimem ao estado afetivo. Em certos estados afetivos, cremos poder remontar além destes elementos e reconhecer que o núcleo em torno da qual se cristaliza todo o conjunto é constituído pela repetição de certo acontecimento importante e significativo, vivido pelo sujeito.

Objetando a ideia freudiana acerca de o *inconsciente ser determinante* das atitudes do ser humano, houve uma série de escolas psicológicas que sustentaram concepções teóricas distintas. O movimento behaviorista apostou, no início do século passado, na tese de Charles Darwin da continuidade das espécies: tratar-se-ia o homem como produto da evolução de animais de menor descendência taxionômica (BAUM, 1999).

Nesse sentido, Burrhus Frederic Skinner, um behaviorista americano, afirma que o ser humano deve ser analisado como uma *máquina* que se comporta em resposta às forças externas, aos estímulos que os afetam. Para Skinner, a frequência da ocorrência de um comportamento vai ser aumentada probabilisticamente quando na apresentação contingente (instantânea) a um estímulo que o reforce, isto é, na interação entre organismo-ambiente (HAYES & BROWNSTEIN, 1988; LAMPREIA, 1996). Ries (1999, p. 33-34) complementa este tópico avaliando que

A visão que Skinner tem de homem corresponde exatamente à visão empirista de Locke (tábula rasa que gradualmente receberá estimulações do meio). Para Skinner o homem é produto das forças do meio no qual ele vive.

O comportamento subjetivo, ou melhor, encoberto assim como chama Skinner (1990), ao encontro da terminologia do analista do comportamento, ocorre em uma escala baixa de magnitude, isto é, pouco visível a um observador. Nem por isso deixa de satisfazer aos critérios de uma ciência do comportamento humano, pois é uma forma de comportar-se. De uma forma mais simples, o organismo *pensa e sente* em função da forma de interação organismo-ambiente (CARVALHO,

1999). À primeira vista, parece algo mecânico, porém é funcional e científico, objetivo e mensurável.

Da mesma maneira, “os sentimentos são mais facilmente mutáveis através de alterações do ambiente[...]” (SKINNER, 1991, p. 22). Como é possível depreender dessa afirmação, os sentimentos estão unificados a uma manifestação corporal, e não psíquica. Então a *causa* de um sentimento não é ele próprio, mas as condições ambientais que o cercam. Com base nessa visão, Skinner (1995, p. 142) advoga que

Em sua busca de uma explicação interna, sustentado por um falso senso causal associado a sentimentos e a observações introspectivas, o mentalismo deixou no escuro os antecedentes ambientais[...].

Concernente às *emoções* como *causadoras* do comportamento, pode-se dizer que

[...] são excelentes exemplos de causas fictícias as quais comumente atribuímos ao comportamento. Corremos por causa do ‘medo’ e brigamos por causa da ‘raiva’; ficamos paralisados pela ‘ira’ e deprimidos pelo ‘pesar’ (SKINNER, 1998, p. 175-176).

Em que pese essa exposição, a leitura crítica que se faz é que o mesmo organismo possui, em seu repertório comportamental, maleabilidade em usar desta ou daquela classe comportamental. Ocasionalmente, em primeira instância, *refletir acerca dos seus comportamentos* e, em segunda, observar, pelo mesmo processo de pensar, *o mundo dos ideários, dos sentimentos*, antecipando-os no seu comportamento futuro, mesmo antes da presença dos estímulos ambientais. Ou melhor dizendo, o behaviorismo talvez satisfaça, pura e simplesmente, a *uma única explicação no quebra-cabeça* do que vem a ser caracterizado ser humano, com todos os seus *pensamentos, volições e emoções*.

Partindo-se dessas críticas, na década de 1970, a América e a Europa assistiram à (re) tomada do *pensamento*, como objeto de estudo da psicologia. Valorizava-se não só o *status* das variáveis ambientais na determinação do comportamento humano, mas também aquelas como o *pensamento* e a aquisição de conhecimento, próprios das ciências cognitivas (THAGARD, 1998).

Para melhor explicitar esse assunto, uma abordagem teórica que ganhou espaço na discussão acadêmica, nos últimos tempos, é a Psicologia Cognitiva. Para esse pressuposto teórico, o vocábulo *cognição* remete ao conjunto sobre os quais uma pessoa adquire informação do mundo externo e interno de modo a substanciar seus comportamentos/atitudes no mundo em que vive. A *cognição* abarcaria então a aquisição, a organização e a (re) utilização do conhecimento apreendido (GARDNER, 1996; HOLYOAK, 1999).

No processamento mental, isto é, a capacidade humana ao sintetizar dados do ambiente, através de uma atividade perceptiva, produzindo conhecimentos cognitivos complexos, é de



suma importância o estudo das emoções; congregando muito mais do que um mero reflexo do organismo, a experiência emocional reorganiza papéis, atitudes e decisões humanas (CACIOPPO & GARDNER, 1999; FRIDJA et al., 2000). Deduz-se que a habilidade em perceber as próprias emoções, gerenciando-as pelo pensamento, auxilia a pessoa na tomada de decisões sobre as variadas situações: pessoal e social.

Em paralelo à cognição, no construto da inteligência, está a teoria da inteligência emocional. Defendida por Daniel Goleman (GOLEMAN, 1998) essa teoria é qualificada como revolucionária e traz ao público que o sucesso nos relacionamentos pessoal e social depende de aptidões emocionais e dessas surgem seres emocionalmente inteligentes. Sopesando a importância do estudo das inteligências emocionais, Pepper (2001) estipula que as sensações que a criança percebe desde o nascimento, somando-se com a percepção de suas emoções, arraigadas todas elas em um contexto familiar de inter-relacionamentos, vão fazendo que se produzam respostas emocionais, como calmo, tranquilo, agitado, etc., influenciando as atitudes e os comportamentos futuros e, especialmente, na sua auto-imagem e na autoestima.

Mesmo se adotando o estado afetivo na composição da cognição, parece que a capacidade de entendê-la recai sempre na *via cognitiva (razão)*, e não na *afetiva passando a entender a cognição*. A *visão cognitiva* da alma humana parece idealizar o fenômeno afetivo somente como mudança *motivacional* ou de pura *energética*, isto é, *emoção racionalizada*. Enfocando-se essa situação, coloca-se a *razão* em um *pedestal imaginário*, isto é, como a *única* a ter um caminho correto para se alcançar o conhecimento do mundo e de si mesmo. Não seria um retorno aos pressupostos filosófico-aristotélicos? Acredita-se que sim. A despeito dessas poucas observações

[...]a cognição simbolizaria metaforicamente um cocheiro e a afetividade um animal feroz amarrado numa carruagem: o cocheiro (razão) deve amansar a fera (emoção), dominá-la a um distanciamento do espírito para se realizar um juízo válido (PINTO, 2004a, p. 35).

Como uma conclusão deveras parcial, estiveram sendo destacadas brevemente algumas visões conferidas à afetividade. É evidente que todas elas são visões próprias sobre a explicação do fenômeno afetivo. Em primeira apreciação, pode-se dizer que a afetividade pertenceria no bojo conceitual às definições listadas. Já em uma segunda, no entanto, pode-se verificar que se tende a minimizar a importância dela ao conjunto de cada conhecimento. Compreende-se que os afetos vão ganhar somente um *sentido* por meio de outro vocábulo, por exemplo, inconsciente, comportamento ou cognição, fragmentando-se o conhecimento psicológico e a própria afetividade em *vários pedaços*.

No que se refere aos estados afetivos, passa-se a seguir conceitualmente pelo estudo teórico da afetividade, observando-a na organização do funcionamento psíquico. Possivelmente, ela estaria unida ao domínio do íntimo e pessoal, do mundo privado e subjetivo e dos conteúdos psicológicos. Como é imaginável apreender, sugere-se que a afetividade possibilite integrar tanto

uma resposta emocional (empalidecimento, cólera, ansiedade e estresse) quanto os aspectos expressivos e gestuais do ser humano (lágrimas, risos e sorrisos) em um mesmo experienciar. Para isso, discute-se que os afetos englobariam um legado que vai do temperamento, da personalidade, das atitudes aos valores pessoais (PINTO, 2004b). Em resumo, basta sinalizar, inicialmente, que

É próprio que se inclua na discussão a figura de um ser humano que experiencie subjetivamente, e por que não dizer afetivamente, as mais variadas experiências do dia-a-dia. Ao contrário da emoção, segundo a qual traz em seu sentido um 'apelo' essencialmente corporal, a afetividade é traduzida pela sua real complexidade de significados que se manifestam fundamentalmente no psiquismo do ser humano (PINTO, 2004a, p. 27).

Acolhendo-se tal significado, a afetividade poderia ser concebida como uma porção de estados de ânimo que engloba também uma organização viva de conteúdos psicológicos, como a tristeza, o amor, a paixão, a inveja, a desesperança e muitos outros mais (PINTO, 2004a, 2004b). Sublinha-se que essa primeira definição tem como finalidade viabilizar um novo caminho para a concepção da afetividade no funcionamento psicológico do ser humano, idealizando-a em um complexo universo psíquico de significados simbólicos às mais variadas pessoas, objetos e experiências.

Esse breve quadro teórico teve como pretensão incorporar ao tema afetividade novas discussões aos conceitos tão tradicionais. Opta-se por esse tema por duas razões principais. Primeiro. Hoje em dia, na literatura psicológica, parece que há poucas referências que abordem especificamente à afetividade. Explica-se: é muito mais freqüente, na língua inglesa, o uso do verbete *emoção (emotion)*. E, quando se fala em afetividade, ainda se tende a usar, concomitantemente, o conceito *cognição*. Segundo. Na sua grande maioria, os livros estrangeiros, notadamente aqueles introdutórios de psicologia (como se vê em BUTLER & MCMANUS, 2000), aspiram a seguir uma definição clássica de *emoção* – nos quais se lê: um fenômeno complexo e de curta duração temporal em que sobressaem, muitas vezes, alterações orgânica, comportamental e excitação mental, como a tensão, a cólera e a raiva. Mas e o *conceito subjetivo e simbólico* que está implícito nela?

Por outro lado, não é por demais destacar que, atualmente, há diversas linhas de pesquisas que procuram conceituar a *emoção* por uma *dimensionalidade*, conglomerando vários elementos da experiência humana. Desse entendimento conceptual, Denzin (2007) afirma que estudos recentes na psicologia da *emoção*, parecem estar de comum acordo que os componentes dela se agrupam em várias categorias complementares entre si, como em um substrato orgânico/neuronal, uma atividade muscular/expressiva e uma atividade reflexiva/Self.

Embora isso venha a ocorrer e tenha um valor muito justificável, pensa-se em acrescentar um conceito de *emoção* mais o de *sentimento* à afetividade, como se a afetividade conduzisse aos



*significados psicológicos* do ser humano. Frisa-se que não é um suposto repúdio teórico à emoção. Seria sim o estudo da afetividade como aquela dimensão psicológica representada pelas emoções e pelos sentimentos, com todas as suas características e peculiaridades conceituais.

## **2. A afetividade e o Sujeito psicológico: um breve diálogo**

Nos últimos anos, embasando-se em reflexões muito iniciais acerca do funcionamento psicológico do ser humano, procurando explorar, basicamente, a relação que existe entre a cognição e a afetividade (PINTO, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2008a, 2008b, 2009), vem-se aludindo, hipoteticamente, a que *o pensar e o sentir* estejam convivendo em um diálogo complexo e dinâmico, constituindo-se em um mesmo processo no funcionamento psicológico, sendo então de pouca importância talvez dividi-los em fragmentos dissociados entre si. De tal modo, pensa-se que, em cada experiência diária, o ser humano é *cognitivo-afetivo* ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis *mais* afetivo ou *mais* cognitivo, ou, ainda, em igual proporção. Toda essa discussão já provém inicialmente da produção literária recente, seja em alguns artigos empíricos e ensaios teóricos bastante representativos (ARANTES, 2000a, 2000b; ARAÚJO, 1998, 2003), começando a se questionar expressivamente o real significado dos estados de ânimo e o papel da dimensão afetiva no psiquismo humano, especificamente no funcionamento psicológico do ser humano.

Por esse ponto de vista de estudo, elabora-se uma compreensão de *sujeito psicológico*, que seja entendido pela interligação complexa de diversas dimensões psíquicas, tais como a *cognição* e a *afetividade*. Corroborada a essa concepção, o *ser humano* não é apenas um ser *meramente racional*, que constrói relações lógicas entre a sua realidade externa e interna, nem tampouco *só é emotivo*, com seus inúmeros sentimentos e estados de ânimo, mas por que não dizer a somatória dinâmica dessas duas dimensões; porquanto, um *ser cognitivo-afetivo* que tanto *pensa* quanto também *sente*.

Referente à afetividade, sugere-se que a dimensão afetiva possa ser mais bem explorada, definindo-a tal qual fosse não apenas um estado puro e simples da alma humana, como é descrita nos manuais de Psicologia Básica, e sim uma dimensão psicológica com características singulares e formas específicas de organização psíquica. Acrescentando-se que tenha até porventura relação com outras dimensões psicológicas, como é o caso, por exemplo, da cognição. Por conseguinte, trata-se de um pensar-sentir (cognição-afetiva) conjuntamente, sem ao menos sobrepor essa ou aquela dimensão.

Como uma primeira definição, conceitua-se a afetividade como uma dimensão do psiquismo humano que se refere *ao conjunto complexo e dinâmico de emoção e sentimento*, sendo a emoção uma reação de *caráter corpóreo* e brusco; já o sentimento de *caráter subjetivo e atenuado*. De outro modo de dizer, o ser humano *sente a alteração no corpo* pelas modificações

que ocorrem na frequência cardíaca, na respiração, no tom de voz, além de alterações metabólicas. Próprias da emoção. Acompanhada da experiência emocional, existe um *sentido subjetivo*, o qual se dá um *colorido, um brilho, um valor* às experiências vividas. Mais especificamente a isso, a afetividade estaria unida ao domínio do íntimo e pessoal, do mundo privado e subjetivo de cada ser humano; fazendo-o sentir-se de muitos modos e adjetivos: amoroso, caloroso, raivoso e odioso.

Em princípio, procurando desenvolver o conjunto de reflexões propositivas anteriores, buscando ainda avançar teoricamente, tem-se aqui como hipótese que a afetividade seja analisada como uma *dimensão do psiquismo*, que organiza subjetivamente os seres humanos, subentendendo-se assim que o fenômeno afetivo possa ser definido como um sistema muito mais complexo, dinâmico e repleto de conteúdos psicológicos que se intercomplementam entre si, o que parece sugerir que não há um pólo afetivo definido, como amor ou ódio, alegria ou tristeza, mas sim uma complementaridade dinâmica entre ele, ou seja, amor e ódio, alegria e tristeza (PINTO, 2005b, 2005c). Advindo psiquicamente afetos positivos e/ou negativos ao mesmo tempo.

Com implicação ao parágrafo anterior há de se esperar que no funcionamento psicológico cognição e afetividade estejam dinâmica e intimamente participando da valoração quantitativa e qualitativa da realidade (subjetiva e/ou objetiva) do ser humano. Imagina-se, pois, que entre o *pensar* e o *sentir* a via comunicativa esteja em um sentido bidirecional, sem ao menos prejudicar as composições elementares de cada estrutura em si; podendo-se até modificar funcionalmente a relação entre elas. Os estados afetivos poderiam alterar todo o dinamismo do funcionamento psíquico do ser humano pelas emoções, pelos sentimentos, pelos temperamentos ou mesmo pelos estados de ânimo. Em suma, o sujeito psicológico vai sendo coordenado, de modo todo dinâmico, pelo jogo psico-funcional dessas duas dimensões psicológicas em uma determinada experiência do dia-a-dia, constituindo-se, portanto, em um sistema psicológico de consistência de múltiplas estruturas psíquicas (PINTO, 2005d, 2009).

Pela descrição acima, uma primeira hipótese teórica sinaliza que o sujeito psicológico possa ser formado por um conjunto de processos cognitivo-afetivos, traduzindo aquilo que o ser humano realmente é: as suas atitudes, os seus temperamentos, os seus gostos, as suas fraquezas e quejandos, o que corresponderia a um Self ou um Eu. Além do que, por sua enorme complexidade psicológica, capacita-se a remover da memória psíquica o seu mundo interno, ou mundo subjetivo (imaginação, pensamento, fantasias etc.). O que o capacita a fazê-lo é a consciência. Nem todas as experiências e/ou vivências são facilmente ateadas no fluxo intermitente da consciência. Em que lugar elas estariam? Estão, por certo, atreladas a um plano inconsciente, o qual possibilita assegurar à instância inconsciente um caráter intrínseco, vivo, contíguo ao consciente, do sujeito psicológico (PINTO, 2009). No item anexo, ao final do texto, apresenta-se um modelo meramente esquemático para rápida visualização dessa ideia.

Por essa perspectiva, ou seja, a complexa e dinâmica entre as dimensões psicológicas, tem-se como suposição que haja três princípios básicos ocorrendo no sujeito psicológico, que são a organização, a estruturação e o funcionamento. No nível de organização, há de se perguntar quais são as dimensões psicológicas envolvidas. No caso, a cognição, a afetividade, a consciência, inconsciente e um Self ou um Eu. Já na estruturação, pergunta-se o que cada uma faz e quais são suas características. Por exemplo, a cognição teria os esquemas mentais, os pensamentos e as crenças como seus principais correspondentes; a afetividade, o conjunto de emoções, sentimentos e afetos. Por último da lista, o funcionamento psicológico. Questiona-se, nesse item, como é que se dá a comunicação entre cada parte (ou seja, cada dimensão) com o todo. Tem-se um processo psicológico no qual a cognição e a afetividade, por exemplo, resultariam em uma cognição-afetivada, na qual pensamentos seriam funcionalmente providos de uma carga afetiva (PINTO, 2009).

Neste íterim, optou-se por descrever, separadamente, esta complexa dinâmica funcional do sujeito psicológico, realizada conjuntamente pelas dimensões cognição e afetividade, bem como consciência e inconsciente, a qual pode parecer, aos olhos de quem a vê, algo muito simplista, o que não é verdade. A intenção foi apenas sugerir um panorama teórico geral para ser mais bem esmiuçado em outra ocasião, explicitando o que seria composta cada dimensão e o diálogo com as demais; grifando-se que há alguns ensaios já em fase de elaboração e para uma publicação não muito futura.

Para finalizar, os conceitos contidos aqui abrem um caminho para o debate acadêmico, uma vez que todos eles podem promover uma reflexão sobre o intercâmbio dinâmico de dimensões para o conhecimento do sujeito psicológico, como exemplo a cognição e a afetividade sendo frutos de um mesmo processo na organização psíquica.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De maneira muito particular, surge, neste ensaio, o interesse em buscar novos aportes teórico-conceituais que procurem entender no sujeito psicológico o fenômeno afetivo como um estado psicológico complexo e dinâmico, mas tendo possível correlação com outros saberes, como exemplo o cognitivo e, por que não dizer, o inconsciente, o que não foi aqui o foco central. Define-se a dimensão afetiva como o conjunto complexo e dinâmico de emoções e sentimentos, com suas características próprias que contempla cada termo em si mesmo. À guisa da conclusão, sinalizam-se quais serão os prováveis caminhos teóricos de uma discussão bem mais detalhada, a qual está sendo escrita neste instante. Sabe-se que se necessita de um texto posterior que objetive aprofundar mais a parte teórica, esmiuçando-se cada detalhe aqui apresentado.

## Referências bibliográficas

- Afgoustides, D. (1991). *A psicanálise – coleção 50 palavras*. São Paulo: Loyola.
- Alain, E-A. C. (2003). *Éléments de philosophie*. France: Gallimard.
- Arantes, V. A. (2000a). Cognição, afetividade e moralidade. *Educação e pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 137-153.
- Arantes, V. A. (2000b). *Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais*. Barcelona: Facultat de Psicologia/Universitat de Barcelona (Tese de Doutorado em Psicologia).
- Araújo, U. F. (1998). *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP (Tese de Doutorado em Psicologia).
- Araújo, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: Arantes, V. A. (org) (2003). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Aristóteles (2000). *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes (Tradução: Isis Borges B. da Fonseca).
- Baum, W. M. (1999). *Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artmed.
- Bettelheim, B. (1998). *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix.
- Butler, G.; McManus, F. (2000). *Psychology – a very short introduction*. New York: Oxford University Press.
- Cabral, M. F. S. (1998). *Pensar a emoção*. Lisboa: Fim do Século Edições.
- Cacioppo, J. T.; Gardner, W. L. (1999). Emotion. *Annual review of psychology*, v. 50, p. 191-214.
- Carvalho, S. G. de. O lugar dos sentimentos na ciência do comportamento e comportamento e na psicoterapia comportamental. *Psicologia: teoria e prática*, v. 1, n. 2, p. 33-36 (1999).

Cornelius, R. R. (1996). *The science of emotion*. New Jersey: Upper Saddle River.

Denzin, N. K. (2007). *On understanding emotion*. California: Transaction Publishers.

Dilman, I. (1989). *Freud e a mente*. Rio de Janeiro: Imago.

D'urso, V.; Trentin, R. (2001). *Introduzione alla psicologia delle emozioni*. Bari: Laterza.

Freud, S. (1900). A interpretação dos sonhos. *Edição Eletrônica das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. 5/6 (Tradução: Walderedo Ismael de Oliveira).

Freud, S. (1915-1916). Introdução à psicanálise. *Edição Completa das Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Delta, s/d, v. 13 (Tradução: Elias Davidovich).

Freud, S. (1991). *Esquecimento e fantasma*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Filloux, J-C. (1954). *L'inconscient*. Paris: PUF.

Frijda, N. H. *et al.* (2000). *Emotions and beliefs – how feelings influence thoughts*. United Kingdom: Cambridge Press.

Fortenbaugh, W. W. (2002). *Aristotle on emotion*. London: Duckworth.

Gardner, H. (1996). *A nova ciência da mente: uma história da revolução científica*. São Paulo: Edusp.

Goleman, D. (1998). *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Golse, B. (1998). *O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança*. Porto Alegre: Artmed.

Hayes, S. C.; Brownstein, A. J. (1988). Mentalism, private events and scientific explanation. In: Modgil, S.; Modgil, C. B. F. *Skinner – consensus and controversy*. Philadelphia: Falmer Press.

Holyoak, K. J. Psychology. In: Wilson, R. A.; Keil, F. C. (1999). *The Mit encyclopedia of the sciences cognitives*. London: Bradford Book.

Lampreia, C. (1996). Skinner e o mundo dentro da pele. *Temas em psicologia*, v. 2, p. 29-40.

Lyons, W. (1993). *Emoción*. Barcelona: Anthropos.

Merriam-Webster. *Heart*. [on line] Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/dictionary/heart> Acesso em: 02 de março de 2008.

Music, G. (2002). *Afecto e emoção*. Coimbra: Almedina.

Nordby, V. J.; Hall, C. S. (1978). *Psicólogos e seus conceitos*. Lisboa: Edições 70.

Pepper, I. F. (2000). Experiencia emocional, factor determinante em el desarrollo cerebral de niño/a pequeño/a. *Estudios pedagógicos*, v. 26, p. 119-126.

Pinto, F. E. M. (2004a). *Por detrás dos seus olhos: a afetividade na organização do raciocínio humano*. Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação (Dissertação de Mestrado em Educação).

Pinto, F. E. M. (2004b). O “mundo do coração”: os (novos) rumos de estudo da afetividade na psicologia. *Revista ciências humanas*, v. 10, n. 2, p. 111-114.

Pinto, F. E. M. (2005a). Os (des)afetos da inteligência: o possível diálogo entre cognição e afetividade. *Publicatio*, v.13, n. 1, p. 7-12.

Pinto, F. E. M. (2005b). Quais são os novos desafios da psicologia neste século? *ConScientiae saúde*, v. 4, p. 23-31.

Pinto, F. E. M. (2005c). Cognição e afeto: uma primeira visão reflexiva sobre o funcionamento do sujeito psicológico. *Revista de educação*, v. 8, n. 8, p. 61-69.

Pinto, F. E. M. (2005d). Cognição e afetividade: um primeiro debate sobre o papel do pensar e sentir. *Barbarói*, v. 22/23, p. 71-82.

Pinto, F. E. M. (2008a). As muitas faces da *afetividade*: um breve debate sobre o funcionamento psicológico do ser humano. *Barbarói*, n. 28, p. 75-88.



Pinto, F. E. M. (2008b). A afetividade como um regulador psíquico humano. *Revista ciências humanas*, v. 1, n. 1, p. 1-11.

Pinto, F. E. M. (2009). Quem é o sujeito psicológico? Algumas reflexões e apontamentos teóricos futuros. *PSICOLOGIA.COM.PT*, p. 1-19.

Ries, B. E. Condicionamento operante ou instrumental: B. F. Skinner. In: Rosa, J. L. (1999). *Psicologia e aprender – o significado de aprender*. Porto Alegre: Edipucrs.

Skinner, B. F. (1998). *Ciência e comportamento Humano*. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1995). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.

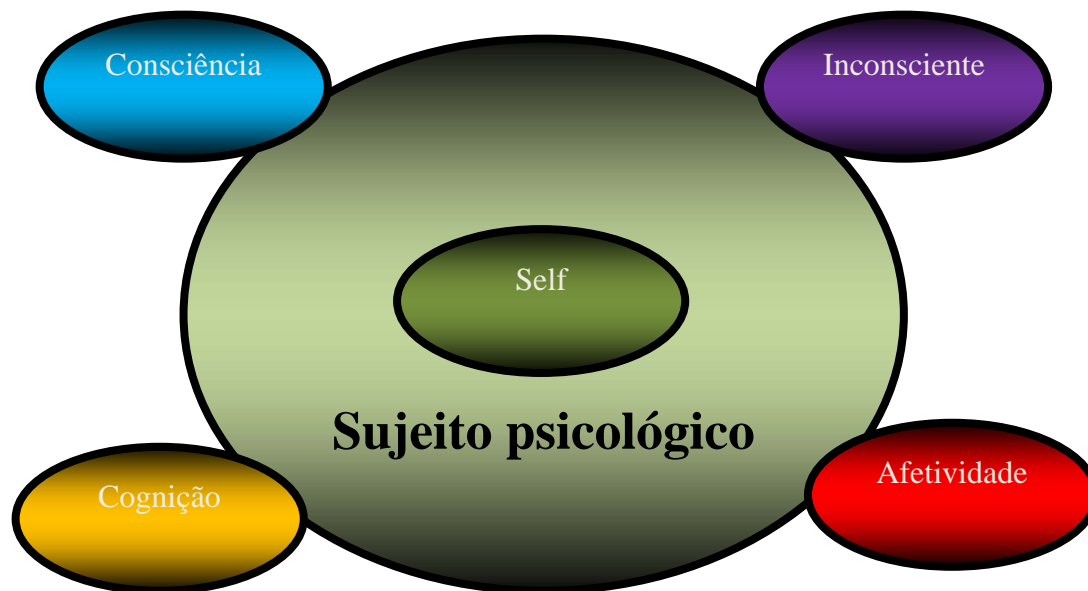
Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas: Papyrus.

Skinner, B. F. (1990). Can psychology be a science of mind? *American psychologist*, v. 45, n. 11, p. 1206-1210.

Solomon, R. C. The philosophy of emotions. In: LEWIS, M.; HAVILAND-JONES, J. M. (2004). *Handbook of emotions*. New York: Guilford.

Thagard, P. (1998). *Mente – introdução à ciência cognitiva*. Porto Alegre: Artmed.

## Anexos



**Figura:** O sujeito psicológico e as dimensões psíquicas

**Idéia original e elaboração:** Fausto Eduardo Menon Pinto

### Sujeito psicológico

A figura esquematiza didática e visualmente os quatro elementos (ou melhor, dimensões) que se pensa auxiliar na formação do que se chama, inicialmente, sujeito psicológico. Como se é notado, um deles é a Consciência. Ao seu lado, encontra-se o Inconsciente. Logo abaixo, tem-se a afetividade e a sua esquerda a cognição. Ao centro, observa-se o Self. A suposição é que cada um deles, como peças de um quebra-cabeça que se encaixam mutuamente, poderia desempenhar um papel importante na configuração psíquica do sujeito psicológico sem haver princípios hierárquicos entre eles, mas uma correlação complexa e dinâmica. Nesse contexto, se comparada às teorias tradicionais, a afetividade passaria de um mero papel secundário, bem dependente da cognição, por exemplo, à organização funcional do psiquismo humano, de modo a alterar o estado de ânimo, o temperamento, a emoção e o sentimento.